

SEMÂNTICA HISTÓRICA

Afrânio Garcia (UERJ)

INTRODUÇÃO

Muitos filólogos e estudiosos da história da língua esquecem-se, durante o transcurso de suas pesquisas, de que assim como as palavras mudam sua forma e sua sintaxe através dos tempos, também seu significado vai se modificando com o passar dos anos, em decorrência de uma série de fatores sociais e culturais.

Na minha pesquisa atual, intitulada “*Relativismo lingüístico: relações entre semântica, cultura e sociedade*”, tenho me dedicado ao estudo das diferenças de significação das palavras da língua portuguesa atual não só em relação à sua significação em outros estágios da nossa língua, como também em relação à significação de palavras sinônimas em outras línguas, tentando descobrir as diferentes nuances de significação que estas palavras possuem em outros estágios da língua ou em outras línguas, através da comparação de seus contextos sintático-semânticos e, quando necessário, pragmáticos.

Na tentativa de determinar os motivos que levam a essas diferentes acepções de uma mesma palavra através dos tempos, ou de palavras sinônimas em línguas estrangeiras, costumo encontrar fatores sociais, culturais, antropológicos e históricos interessantíssimos, que muito engrandeceriam a pesquisa filológica, se os ilustres pesquisadores normalmente não esquecessem do “detalhe semântico” nas suas pesquisas.

Este trabalho tem por finalidade rememorar, ou até apresentar, conforme for o caso, as principais mudanças semânticas, suas características mais marcantes e seus fatores determinantes, com profusão de exemplos explanatórios, chegando mesmo a discorrer sobre a história desta ou daquela palavra, cuja história confunde-se com a própria história da humanidade, com o objetivo precípuo de despertar a atenção dos senhores pesquisadores e filólogos para a importância e dimensão que a semântica histórica tem no estudo dos textos da língua portuguesa e da própria língua.

O suporte teórico para este trabalho é, quase que exclusivamente, o excelente livro “*Semântica: uma introdução à ciência do significado*” de Stephen Ullmann, até hoje a melhor obra a tratar de semântica histórica e mudança semântica.

POLISSEMIA

A principal causa da mudança semântica, ou seja, da mudança de significado de uma palavra através dos tempos, é a polissemia, que consiste no fato de uma determinada palavra ou expressão adquirir um novo sentido além de seu sentido original (do grego *polissemia* = muitas significações). A seguir, veremos alguns exemplos que ilustram como esse processo que leva à mudança semântica é extremamente produtivo e diversificado.

1) A palavra gato, do latim *catu(m)*, servia para indicar originalmente um *tipo de felino* de pequenas dimensões; como este felino tem o hábito de andar silenciosa e furtivamente, a palavra gato adquiriu, por um processo metonímico de associação entre o modo de andar de um ladrão e de um gato, o sentido de *ladrão, gatuno*; mais modernamente, um outro tipo de associação metonímica, entre a beleza de um gato e de seus movimentos e a beleza de um jovem, gerou para a palavra gato um novo significado, de *homem belo*, com seu feminino gata; por último, a idéia de gato como ladrão associada ao fato de que o felino gato gosta de escalar postes e fios levou ao surgimento de mais um novo sentido para essa palavra: instrumento para roubar luz dos fios ou postes.

2) A palavra fazenda, do latim vulgar *fac(i)enda*, significava originalmente as *coisas que devem ser feitas*; ainda no português arcaico passou a designar não mais as coisas a serem feitas, mas as *coisas já feitas por alguém ou em algum lugar*; desse segundo sentido, desenvolvem-se dois outros sentidos, de *conjunto de bens ou haveres*, sentido em que aparece em Vieira, visto que quando alguém faz algo, esse alguém provavelmente passa a possuir o que fez ou o produto da venda daquilo que fez, ou de *mercadorias ou produtos* de uma determinada pessoa, povo ou região, sentido em que aparece constantemente no século XVIII; dessas duas acepções da palavra fazenda, desenvolve-se uma quarta, de *recursos financeiros do poder público*, até hoje presente em determinadas expressões, como Ministério da Fazenda, Secretaria da Fazenda; da idéia de fazenda como *mercadoria ou produto* desenvolvem-se dois outros significados: *grande propriedade rural*, onde são gerados vários produtos agrícolas, e *pano ou tecido*, visto que com a chegada da Revolução Industrial o primeiro *produto*, a principal *mercadoria* a ser produzida em larga escala foi o tecido (vale a pena mencionar aqui o uso do termo *fabric* do inglês com o mesmo significado).

3) A palavra olho, do latim *oculu(m)*, indicava originalmente o *órgão da visão*; com o passar dos tempos, através de inúmeras associações

metonímicas e metafóricas, passou a indicar também várias coisas que tivessem a idéia de *círculo*, de *orifício* ou de *centro*, tais como *olho da batata* (calombos circulares da batata), *olho da letra* (espaço circular em letras como b ou p), *olho do furacão* (o centro do vórtice de um furacão), *olho d'água* (um buraco, geralmente circular, que se enche de água), *olho do queijo* (buracos que se formam na fermentação de determinados queijos), *botar no olho da rua* (idéia de centro da rua), etc.

4) A palavra *estilo*, do latim *stilu(m)*, designava originalmente uma *pequena haste usada para escrever*, um tipo de caneta antigo; em associação com essa idéia de escrita, desenvolve-se um novo sentido para estilo, que passa a indicar a *maneira específica de escrever ou falar* de uma pessoa ou de um grupo de pessoas: *estilo conciso*, *estilo afetado*, *estilo didático*, etc.; a partir desse segundo sentido, desenvolve-se a idéia de estilo como *precisão ou perícia no escrever*: ele escreve com *estilo*; também a partir do sentido de *maneira de escrever*, desenvolve-se um quarto sentido, mais nitidamente literário, de *características específicas de um autor ou grupo de autores*, como quando falamos do *estilo* de Machado de Assis ou dos *estilos* de época; como há até bem pouco tempo o ato de escrever era um apanágio da classe dominante, sendo a maioria do povo analfabeta, a palavra *estilo* adquire um novo sentido, de *refinamento*, de *bom gosto*, como em móveis de *estilo*, um homem de *estilo*; por último, o sentido original da palavra *estilo*, de *pequena haste*, é recuperado na palavra *estilete*, indicando *punhal fino*, *pequena haste de grafite*, etc.

Repare-se que, em certos casos, os novos significados passaram a existir, mas a palavra conservou seu significado original, como em gato e olho, enquanto que, em outros casos, o significado original da palavra deixa de existir ou de ser usado, como em fazenda e estilo. Se adotarmos uma postura restritiva, podemos dizer que, no primeiro caso temos uma variação semântica, quando dois ou mais significados concorrem numa mesma palavra, e que só no segundo caso temos realmente uma mudança semântica, quando o significado original da palavra deixa de existir (ou de ser usado) e ela passa a ter somente o(s) novo(s) significado(s). Mas essa divisão entre variação semântica e mudança semântica é um mero detalhe, já que em ambos os casos a palavra desenvolve um novo significado.

Mais importante do que ficarmos divagando sobre a diferença entre variação semântica e mudança semântica, no entanto, é identificarmos os processos que levam a essa variação ou mudança semântica, como veremos a seguir.

METONÍMIA E METÁFORA

Os processos mais comuns que levam à mudança no significado de uma palavra são as metonímias e as metáforas. Invertemos propositalmente a ordem em que esses termos são apresentados nos compêndios de semântica porque a metonímia é muito mais comum como processo propiciador da mudança de significado do que a metáfora. Isto porque, de acordo com a definição tradicional, a metáfora é um processo que envolve uma similaridade de significados, ao passo que a metonímia é um processo que envolve uma contigüidade de significados. Ora, para termos uma similaridade entre dois significados, temos que ter uma relação mais ou menos rígida, em que um significado se *assemelhe* de uma forma razoavelmente nítida ao outro; já para termos uma relação de contigüidade entre dois significados basta que o feixe de fatores constituintes de um dos significados tenha algo a ver com o feixe de fatores constituintes do outro significado, ou seja, que os *dois significados tenham algum ponto em comum*. Esse ponto em comum pode assumir inúmeras formas, abranger vários tipos de relação, como *parte-todo*, *continente-conteúdo*, *lugar-coisa*, *coisa-característica*, *causa-efeito*, *formas*, *objetivos* ou *funções comuns*, e tantas outras *aproximações* que nossas mentes fazem constantemente entre um significado e outro na tentativa de melhor agrupar e apreender a *enorme realidade*, como disse Drummond.

Também não separamos a metáfora da metonímia porque, embora em algumas ocasiões a distinção entre metáfora e metonímia seja fácil e nítida, outras há em que mesmo um professor tarimbado e competente fica em dúvida sobre como classificar a associação que se estabelece entre dois significados. Por exemplo, quando Drummond fala “peixes circulando sob o *navio* que leva essa mensagem” em que o *navio* remete, nitidamente, para o *poema*, temos uma *metonímia*, em que o autor aproxima a função do *navio* (ir de um porto a outro) da função do *poema* (ir de uma alma a outra), ou temos uma *metáfora*, em que o *poema* é semelhante a um *navio*, indo de um lugar ao outro no *mar da vida*. Dificílimo optar por esta ou aquela interpretação.

A metonímia é bem mais produtiva do que a metáfora como processo modificador do significado das palavras. Uma das suas ocorrências mais freqüentes é na criação de nomes para novos objetos, conceitos ou ramos do conhecimento, e é interessante notar que muitas vezes, embora estas novas denominações sejam extremamente transparentes, raros são aqueles que percebem sua origem como veremos nos exemplos abaixo.

- 5) A palavra avião, do francês *avion*, significava *ave grande*;

quando foi inventado um *aparelho com asas que voava*, nada mais normal do que chamá-lo de avião.

6) A palavra tela indicava um *tipo de tecido*; quando o cinema foi inventado, ele era projetado num *retângulo deste tecido* montado sobre uma base, que passou a ser chamado, muito simplesmente, de tela; com a chegada da televisão e outras formas de vídeo, o termo tela generalizou-se para designar a *porção plana do aparelho* onde se projetam as imagens.

7) A palavra caneta foi inicialmente usada para indicar um pequeno tubo, uma *pequena cana*, à qual se ajustava uma ponta para escrever; o uso do termo caneta se generalizou, mas praticamente ninguém, a não ser um pesquisador de semântica ou história da língua, o associa a uma *pequena cana*.

8) A palavra músculo designava um pequeno rato, sendo o diminutivo do latim *mus* (que deu origem ao *mouse* do inglês); como os médicos da Idade Média, ao olharem para o músculo exposto de um paciente, o acharam parecido com um *filhote de rato*, sem pêlo, deram-lhe o nome de *musculu(m)*, que se mantém em várias línguas até os dias de hoje.

Já as metáforas são bem menos produtivas, talvez por serem mais profundas e poéticas, na evolução de novos significados das palavras. Também nesse caso, a maioria dos falantes muitas vezes não faz idéia da origem da palavra, embora seja bastante óbvio, como veremos nos exemplos seguintes.

9) A palavra ferina tinha o sentido de *próprio de fera, feroz*; hoje em dia é muito comum se ouvir falar em linguagem *ferina*, crítica *ferina*, etc., mas a maioria dos falantes do português a entende como *maldosa* ou *cruel*, sem associa-la a *fera*.

10) A palavra terno provém do latim *teneru(m)*, que também deu tenro, significando originalmente *tenro, mole*; da imagem metafórica de uma pessoa *mole*, que se deixa paralisar pelos sentimentos, sem vitalidade, surgiu o significado atual de terno, como *afetuoso, brando*.

11) A palavra porco indicava originalmente uma *espécie de animal* e passou a indicar, por um processo metafórico, as pessoas que são *sujas* como um porco.

MUDANÇAS PEJORATIVAS

Muitas mudanças de significados são pejorativas, ou seja, palavras de sentido positivo ou neutro adquirem um matiz pejorativo. Essas palavras são importantes por retratarem os hábitos, os pensamentos e os preconceitos de uma determinada época, como veremos nos exemplos que se seguem.

12) A palavra vilão tinha o significado original de *habitante de uma vila*; devido ao preconceito que as pessoas da época tinham contra os pobres, que moravam nas vilas, a palavra vilão foi desenvolvendo, pouco a pouco, o sentido de *grosseirão, malvado*.

13) A palavra rapariga tinha (e, em Portugal, ainda tem) o sentido de *moça, mulher jovem*; como muitos homens abastados de outrora tinham raparigas como concubinas, o português do Brasil passa a diferenciar moça (necessariamente virgem) de rapariga (que podia ou não ser virgem), ficando o termo rapariga, principalmente no Nordeste, quase como sinônimo de *prostituta*.

14) A palavra criado tinha o sentido de uma pessoa, órfã ou filha de pobres, que era *criada como filho* por uma família; como a hipocrisia e a crueldade que sempre caracterizaram a sociedade brasileira transformava esse “filho adotivo” num empregado doméstico sem salário, a palavra criado adquire o sentido de *serviçal doméstico*.

Às vezes, as mudanças pejorativas têm por origem um eufemismo (palavra usada em lugar de outra, para atenuar seu sentido negativo ou ofensivo), que perde sua razão de ser, como é o caso dos exemplos seguintes.

15) A palavra cretino, usada hoje em dia para indicar uma *pessoa de pouca inteligência* ou *estúpida*, provém de uma palavra francesa que significava *cristão*; como era costume usar-se o eufemismo *pobre cristão* ou *cristão* para designar os *loucos*, a palavra adquiriu aos poucos o sentido de *louco* e finalmente seu sentido atual.

16) A palavra idiota significava simplesmente *diferente*; como era usada para indicar os *deficientes*, principalmente os *deficientes mentais* (à maneira da palavra especial hoje em dia), aos poucos adquiriu esse sentido, de *deficiente mental, de estúpido*.

MUDANÇAS AMELIORATIVAS

Um outro tipo de mudança de significado é aquela que Ullmann chama de *ameliorativa*, em que uma palavra de sentido negativo (ou neu-

tro) adquire um sentido positivo. Normalmente, tratam-se de termos grosseiros ou jocosos que são atenuados com o passar dos anos, como podemos constatar abaixo.

17) A palavra perna indicava originalmente *perna de animal* (equivalente aos termos atuais pernil ou pata); devido ao seu constante uso em relação às pernas do seres humanos, ela adquire o sentido de *perna humana* ou *animal*, que mantém até hoje.

18) A palavra barriga era pejorativa, significando inicialmente *barrica* (pequeno barril); com o tempo ela passa a indicar o *ventre*, seja magro ou gordo.

19) A palavra marechal indicava tão somente o *criado das cavalariças*; com o tempo, ela vai ganhando importância, até significar o *posto máximo do exército*.

MUDANÇAS DEVIDAS AO TABU

Muitas vezes, uma palavra deixa de ser usada devido a ter-se tornado um tabu, uma palavra proibida, seja por medo, por delicadeza ou por decência. Nesses casos, outra palavra, geralmente um eufemismo, vem substituir a palavra que não pode ser dita, fazendo com que esta nova palavra desenvolva um novo significado. Seguem alguns exemplos que ilustram bem esse processo.

20) A palavra diabo, do grego *diabolon*, possuía originalmente o sentido de *opositor*, sendo usada em decorrência do tabu de medo para evitar que fosse dito o nome do ente diabólico (da mesma forma que, hoje em dia, as igrejas cristãs fundamentalistas usam o eufemismo o Inimigo); com o tempo esse eufemismo adquire o sentido de *ente diabólico*.

21) As palavras vagina e ânus, oriundas das palavras latinas *vagina* e *anus*, significavam respectivamente *vagenzinha* e *anelzinho*, eufemismos devidos ao tabu de decência; atualmente, elas se tornaram termos científicos amplamente difundidos, mas a segunda começa a ser alvo do mesmo tabu de decência, não sendo mais admissível numa conversa polida.

22) A palavra miserável, por seu caráter pejorativo muito forte, passa a ser substituída, devido ao tabu de delicadeza, pela palavra excluído, que pouco a pouco vai adquirindo o significado de *miserável*.

23) A palavra lepra também passa a ser substituída pela palavra

hanseníase devido ao tabu de delicadeza.

ESPECIALIZAÇÃO DO SIGNIFICADO

Certas palavras desenvolvem um novo sentido quando são postas num contexto diferente daquele em que costumavam ser empregadas, naquilo que Ullmann chama de especialização de significado, como podemos constatar nos exemplos abaixo.

24) A palavra companhia significava simplesmente o *oposto de solidão*; quando utilizada no âmbito do comércio, passa a ter o significado de *empresa que têm vários donos*.

25) A palavra ação indicava um *movimento* para realizar algo; no âmbito jurídico, passa a indicar um *tipo de processo*, enquanto que no âmbito financeiro passa a indicar um documento de uma operação de risco.

26) A palavra foca indica um *mamífero aquático*; empregado no âmbito jornalístico, significa *repórter inexperiente*.

AMPLIAÇÃO DE SIGNIFICADO

Certas palavras passam de um significado original mais restrito para um significado mais geral, como podemos constatar pelos exemplos abaixo.

27) A palavra armário indicava na Idade Média um *lugar específico para se guardar as armas*; por um processo de ampliação de significado, ela passa a designar *qualquer móvel destinado a guardar coisas*.

28) A palavra paquerar designava especificamente *observar pacas com intuito de caçar*; num processo de ampliação de significado, passa a indicar *observar mulheres com interesse*.

29) A palavra clássico indicava apenas os autores e obras que eram *lidos em classe* (sala de aula); por um processo de ampliação de significado passa a indicar qualquer autor ou obra *aclamado ou famoso*.

RESTRICÇÃO DE SIGNIFICADO

Num processo inverso ao descrito acima, algumas vezes palavras de significado geral passam a ter um significado mais restrito, como podemos verificar pelos exemplos abaixo.

30) A palavra ministério significava originalmente o *ofício* de alguém, aquilo que uma pessoa devia fazer; com o tempo, há uma restrição de significado e a palavra ministério passa a indicar somente o *ofício de um sacerdote* ou o *lugar dos ministros*.

31) A palavra paixão indicava qualquer *emoção profunda*, positiva ou negativa (daí a Paixão de Cristo); atualmente, houve uma restrição de significado e o termo paixão passou a indicar apenas *emoção profunda positiva*.

32) A palavra cachorro, proveniente do basco, indicava qualquer tipo de *filhote*; por um processo de restrição de significado, passa a indicar *filhote de cão* e o próprio *cão*.

EQUÍVOCOS DE INTERPRETAÇÃO

Uma das causas mais estranhas e fascinantes da mudança de significado é aquela que ocorre devido a um equívoco na interpretação da palavra. Como neste tipo de situação cada caso é um caso, vejamos alguns bem interessantes.

33) A palavra missa não tinha nada a ver com a cerimônia religiosa, constituindo o particípio passado do verbo *mittere* (terminar). Como a missa era sempre celebrada em latim e sempre terminava com a fala “*Ite missa est*” (Esta (cerimônia) está terminada), o povo entendeu erroneamente que a palavra missa era o *nome da cerimônia*, significado que se mantém até hoje.

34) A palavra acusativo para designar o *objeto direto* deriva de um erro de leitura da palavra causativo que perdura até hoje.

35) A palavra floresta tinha o significado original de *área do lado de fora da cidade* e era escrita *foresta* (conferir o inglês *forest* e o francês *forêt*); como a parte de fora da cidade normalmente era arborizada, o povo entendeu que ela era derivada de flora e significava *mata*, daí sua forma e significado atuais.

PALAVRAS QUE CONTAM HISTÓRIAS

Certas palavras têm uma história tão interessante que vale a pena contá-las; elas são parte da própria história e nos ajudam a entender melhor o mundo em que vivemos e o mundo do qual viemos. Deleitemonos, pois, com essas palavras que contam histórias.

36) A palavra escravo serve para que tenhamos uma visão mais ampla do problema da escravidão, muitas vezes situada apenas em termos da escravidão negra. Faz-se necessário entender que a escravidão era uma prática plenamente aceita, assim como a guerra e o saque, em tempos bem mais cruéis que os atuais. A escravidão primordial, que se estendeu por toda a Antigüidade, era basicamente uma escravidão de homens brancos, o que é cabalmente demonstrado pelo fato de a palavra escravo ser oriunda de *sclavu(m)*, que por sua vez provém de *slavu(m)*, que significava eslavo, um povo que vivia nas fronteiras do Império Romano e era freqüentemente capturado para servir de escravo, daí a evolução do significado da palavra para o significado que permanece até hoje.

37) A palavra rastaqüera, do francês *rastra coeur*, indicava originalmente o *novo rico*, o *afetado*, que arrastava o coração (*rastra coeur*) pela Europa e desprezava as coisas e costumes do Brasil; o fato de ela ter evoluído para indicar indivíduo sem valor, sem qualidade, mostra bem o estofo de que eram feitos esses “emergentes” de outrora.

38) A palavra amor tinha originalmente um sentido passivo, indicando a *qualidade de ser amado*; será a influência germânica, com sua sociedade que valorizava bem mais as mulheres do que a sociedade romana, que transformará o sentido da palavra amor em ativo, indicando o *sentimento de amar*.